

An abstract painting with a textured, impasto style. The color palette is dominated by various shades of red, from bright magenta to deep, dark burgundy and near-black tones. There are also areas of muted purple and brown. The brushstrokes are thick and expressive, creating a sense of movement and depth. The overall effect is one of intense emotion and complexity.

PANMELA CASTRO
A CRÔNICA DA NÃO-SOLIDÃO



Fundação **Iberê**

PANMELA CASTRO

A CRÔNICA DA NÃO-SOLIDÃO

14 de março a 06 de setembro de 2026



Uma das grandes revelações do trabalho de **Panmela Castro** está na produção sempre carregada de questões sociopolíticas.

Reconhecida internacionalmente por sua atuação na fronteira entre arte e direitos humanos, a artista é também fundadora da Rede NAMI, organização dedicada ao empoderamento feminino, ferramenta que utiliza para promover os direitos das mulheres e combater a violência doméstica. Esse percurso lhe rendeu reconhecimentos, como o DVF Awards, o título de Young Global Leader, pelo Fórum Econômico Mundial, e a Medalha da Ordem ao Mérito Cultural do Rio de Janeiro. Em 2025, integrou a programação oficial da Temporada Brasil-França, apresentando, em Paris, a exposição *Retratos Relatos: Revisitando a História*, dedicada a mulheres negras que marcaram a luta pelos direitos femininos no Brasil, na França e no Senegal.

Para a Fundação Iberê, **Panmela** volta seu olhar para mulheres negras gaúchas, em uma mostra inédita – **A Crônica da Não-Solidão**.

O projeto estabelece um diálogo com a obra de Iberê Camargo, a partir de uma releitura de sua pintura *Solidão*, e se desdobra na série inédita *Expurgo*, marcada pela intensidade emocional da pintura como espaço de resistência e continuidade.

Essa mesma solidão – vivida, observada e elaborada pela artista – transforma-se, aqui, em não-solidão, ao se deslocar para a relação e a construção coletiva, afirmando a arte como espaço de enfrentamento e permanência.

EMILIO KALIL
Fundação Iberê



PANMELA CASTRO

A ARTE COMO CONTRAFACE DA SOLIDÃO

LILIA K. MORITZ SCHWARCZ

A obra de Panmela Castro nasce do confronto entre corpo, cidade, política, memória, paisagens (reais e imaginárias), personagens que orbitam o universo da artista e do diálogo com a história da arte.

Sua produção não se acomoda ao espaço neutro do cubo branco: ela emerge nos muros, nas ruas, nos espelhos, para então ganhar as telas, gravuras, esculturas e vídeos da artista. Panmela parte do seu lugar social, enquanto uma mulher negra racializada, e de uma experiência feminina brasileira mais abrangente para, de alguma maneira, denunciar como esse protagonismo feminino tem sido historicamente vigiado, silenciado e, por vezes, violentado.

Assim, Panmela Castro transforma esses territórios em campos de disputa simbólica, fazendo das suas obras uma forma de ativismo que combina beleza com afirmação e denúncia.

Conhecida inicialmente pela arte do grafite, a prática de Panmela Castro nunca se limitou, porém, à linguagem urbana. O que está em jogo nesse seu projeto artístico é mesmo a ocupação dos espaços – quem pode falar, quem pode ser visto, quem pode existir sem medo?

Suas figuras femininas, muitas vezes frontais e afirmativas, por vezes feridas, sempre plenas, recusam tanto a idealização quanto a vitimização. Elas olham de volta. Interpelam o espectador. São corpos atravessados pela violência de gênero, mas também pela resistência, pelo desejo, pela agência e pela autonomia de espírito – no tempo passado, mas que se expressa igualmente no nosso presente.

A dimensão autobiográfica é central na obra da artista, sem que ela jamais se feche em um registro meramente intimista. Ao elaborar artisticamente sua própria experiência de violência doméstica, Panmela Castro constrói uma linguagem visual capaz de converter o vivido em vocabulário coletivo, em afeto e em verdade coletiva. Assim, o pessoal é sempre radicalmente político. A arte torna-se ferramenta de escuta, de acolhimento e de mobilização, articulando-se a ações educativas, projetos sociais e redes de apoio a mulheres em situação de violência.

Formalmente, o trabalho de Panmela Castro combina desenho, pintura, texto e gesto performativo. A palavra aparece como inscrição pública – entre o grito, a confissão, o registro e o manifesto. Há uma tensão constante entre delicadeza e enfrentamento: cores vibrantes convivem com temas duros; a liberdade das formas enseja contextos precisos (muitas vezes de dor); a beleza não suaviza o conflito, mas o torna ainda mais impossível de ser ignorado.

Panmela Castro inscreve sua produção no campo das práticas artísticas feministas contemporâneas que recusam a separação entre estética e ética. Sua obra não se limita, entretanto, a representar mulheres: ela recria suas condições de visibilidade, suas falas e experiências dentro desses que foram, durante muito tempo, projetos de vida borrados e inaudíveis.

Ao intervir tanto no espaço urbano quanto no institucional – público e privado –, Panmela Castro desloca, pois, noções de autoria e de responsabilidade social da arte, afirmando a criação artística como ato político, pedagógico e profundamente transformador.

Mas a arte de Panmela Castro não cabe mesmo em apenas uma definição. E essa nova exposição, realizada na Fundação Iberê Camargo, é exemplo dessa atitude inquieta e independente da artista, podendo ser dividida em três momentos basicamente distintos. Aliás, *A Crônica da Não-Solidão* como que resume a trajetória de Panmela Castro.

De um lado, em uma série inédita chamada *Expurgo*, a artista apresenta uma releitura livre da obra de Iberê Camargo como um todo, e, em especial, da tela intitulada *Solidão*. Datada de 1994, a tela é particularmente significativa por conta do tema e por ser o último quadro do artista – finalizado antes de seu falecimento. Por sua vez, o trabalho de Panmela é datado de 2026 e faz parte da série *Artistas no Ateliê*. Nele, Iberê surge sentado com um estudo da pintura em mãos. Destaca-se também um carrinho com tintas e pincéis e a parede tomada por imagens sugestivas à pintura original.

Alegoricamente, solidão virou um tema que perpassa a exposição, ao mesmo tempo que os traços que escorrem pela tela, como se fossem pintura fresca, evocam a ação do tempo que distancia e aproxima os dois artistas em seus processos de criação.

De outro lado, a artista incluiu um conjunto expressivo de retratos de mulheres negras de Porto Alegre. As quatro gravuras produzidas em metal no ateliê da Fundação, e utilizando a antiga prensa de Iberê, fazem parte de uma série em processo chamada *Mulheres Históricas*. Elas trazem a história de vida de protagonistas negras que se destacaram no passado, e em

diferentes regiões. Por sua vez, os nove desenhos em pastel oleoso incluem personagens femininas da cidade: algumas já eram conhecidas de Panmela; outras tornaram-se amigas dela durante o processo de preparação dessa mostra. Presente e passado marcam encontro nas paredes da exposição.

Nesses dois segmentos estabelece-se um diálogo criativo com a produção de Iberê Camargo, seja no conteúdo dos trabalhos, seja na forma que tomam, na paleta com cores fortes, na tinta que escorre e na riscadura expressiva.

O primeiro núcleo da exposição, composto por uma série de obras criadas em diferentes momentos da trajetória da artista, leva o nome de *Objetos Afetivos*. São trabalhos que carregam consigo várias histórias; todas depositadas em uma “caixa de catarse” e depois em um “casulo” de tecido suspenso. Ambos os dispositivos acolhem objetos ou textos deixados pelo público, e que são transformados pela artista em esculturas. Assim, eles escapam da experiência efêmera da lembrança ligeira para ganhar a matéria rígida do bronze.

Participar ganha, portanto, o sentido de compartilhar e de narrar uma história particular e comum, mesmo que de maneira anônima. Uma história que, assim, vira matéria coletiva e artística. Já as novas obras escultóricas, paradoxalmente, escapam do efêmero e do passageiro para ganhar uma outra materialidade (quase) eterna, utilizada, desde sempre, para ser “memorável”.

Essas obras reiteram a função de *casulos*; essas casas provisórias feitas a partir da espera – um local em que o mundo parece estar suspenso até que um elemento, em geral externo, irrompa e altere as ordens das coisas. Visto pelo lado de fora, o casulo parece estar imune à ação do tempo. Mas é por dentro que uma revolução paciente acontece.

Casulo é também o tempo lento do preparo e da intimidade: nada ali tem exatamente pressa. Na exposição, ele ganha esse formato especial feito por um tecido suspenso, uma mesa e uma cadeira para coleta de relatos.

Esses *Objetos Afetivos*, como bem diz seu título, são formados por peças em bronze, que continuam a transportar as subjetividades que as constituem originalmente. Mas o que antes era memória íntima vira agora escultura em bronze, muitas vezes imune à ação do tempo. Assim se completa não apenas uma resignificação na matéria desses artefatos, como também um sentido simbólico.

Nessa exposição, vemos uma concha, um chapéu, uma pílula, uma cabeça de Santo Antônio, um vestido. Todos eles ganharam outros significados quando transformados em esculturas de

bronze. Mas continuam a se comportar como objetos de desejo coletivos, que transformam situações particulares em sentidos mais comunitários.

No segundo conjunto da exposição, de nome *Expurgo*, cada obra se refere a um dia na vida da artista, formando um arquivo confessional, que ganha uma tradução gráfica mais solta. As cores são marcantes, os traços expansivos – quase gestos livres que evocam a obra de Iberê, mas, ao mesmo tempo, desenham acontecimentos, pensamentos e lembranças da própria Panmela.

A terceira parte da exposição é integrada por três videoartes: *Medo, Sonho, A Noiva*. Nelas, é o corpo de uma mulher negra racializada que aparece como local em que se realiza uma política feminista. Um corpo que, portanto, é também coletivo. Esse é agora um corpo feminino coletivo e não vitimizado. Ali cabem traumas, pesadelos, mas também memórias e formas de reabilitação histórica.

Vale destacar como a noiva, que aparece no terceiro vídeo, a despeito de estar nua, não tem seu corpo erotizado. De maneira paralela, o casamento deixa de ser entendido como um destino final na vida das mulheres, para então figurar, criticamente, como uma instituição que busca, na sua lógica mais tradicional, a própria sujeição delas.

Um último conjunto é organizado, justamente, pelos 13 retratos de mulheres de Porto Alegre. Ele retoma, como vimos, uma série mais abrangente da artista, realizada a partir da pintura de mulheres negras, protagonistas da história nacional.

Porém, e vale sublinhar, enquanto para Iberê a solidão é parte fundamental do processo criativo, no caso de Panmela, a relação que ela estabelece com as pessoas que convida para posar, acaba por estruturar a obra.

Os retratos são inspirados por muitos exemplos de experiências de mulheres negras. A partir delas, Panmela Castro retoma histórias de solidão e de conectividade; de repressão e de agência. Aliás, vale lembrar que a artista surgiu, mais decididamente, na cena das artes brasileiras, com seus retratos de protagonistas negras que viveram no passado, mas que também despontaram na nossa cena contemporânea.

Ali estão figuras desconhecidas ou reconhecíveis, personagens famosos e amigas íntimas da artista, pessoas que se perderam na história e aquelas que nela se encontraram. Em comum, todas elas atuam como protagonistas brasileiras.

O fato é que Panmela Castro trouxe para a dianteira figuras que, durante muito tempo, ganharam tão somente um escondido segundo plano. Fortes, muitas vezes marcadas por tintas que escorrem por seus corpos, com rostos e expressões marcantes e um colorido despojado, essas protagonistas femininas ecoam suas vidas particulares, mas também suas histórias comuns – nessa saga brasileira, escrita durante muito tempo apenas a partir da experiência masculina, basicamente sudestina e das elites brancas.

Mas há ainda um quinto elemento deixado numa esquina importante da exposição: o espelho. Esse objeto entrou na história da arte guardando clara ambiguidade – ele é ao mesmo tempo instrumento de verdade e máquina de ilusão.

Nesse sentido, o grafite nele disposto imprime o que a exposição, de uma maneira geral, inspira: “a arte é o contrário da solidão”. Se o ato de criar pode ser solitário (como é o caso da produção de Iberê Camargo), o conjunto das obras apresentadas por Panmela Castro, que já se converteu em uma intérprete visual do país, ostenta a “dororidade” das mulheres negras como um gesto político e, assim sendo, sempre coletivo.

O conceito, alternativo da sororidade é de autoria de Vilma Piedade, escritora que com ele elabora uma resposta à dor localizada das mulheres negras, que sofrem tanto com o machismo e o patriarcado, quanto com o racismo. Crítica do racismo na linguagem e na sociedade, a autora enfatiza a relevância de pensadoras como Lélia Gonzalez para o feminismo negro.

Pensado nesse mesmo sentido, o espelho acaba por denunciar e deixar límpida a ideia de que toda imagem é, à sua maneira, construída e nunca neutra. Toda imagem é, também, coletiva, pois afeita às pessoas e situações que dela participam.

Assim, longe da leitura mais canônica, nessa exposição o espelho serve para devolver e compartilhar situações, e, ao mesmo tempo, nos força a refletir sobre elas. O espelho que prometia apenas fidelidade, entrega sempre uma ou muitas interpretações.

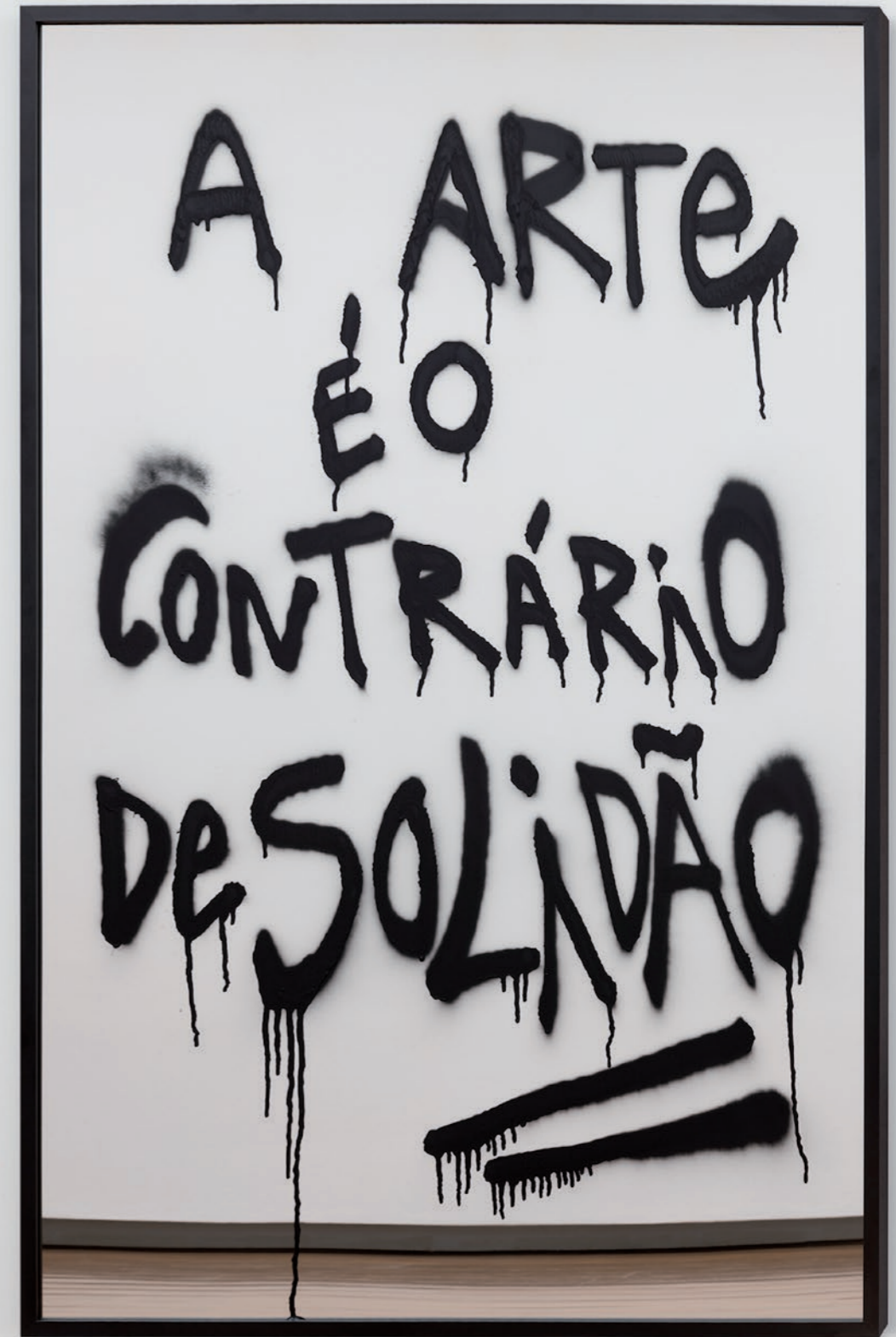
Na exposição *A Crônica da Não-Solidão* ele é, pois, pura flexibilidade e coletividade, uma vez que espelha as pessoas e o público que dela participam. Devolve o que o espectador contamina, e ainda o provoca. Por isso, talvez, o grafite nele impresso sintetize o que a exposição como um todo dissipa: “a arte é o contrário da solidão”.

Afinal, o conjunto das obras presentes nessa exposição ostenta a pujança das mulheres negras enquanto um gesto político e, assim sendo, sempre coletivo e até mesmo subversivo.

Esse é o apego que desobedece, e o afeto convertido em resistência. É o efêmero, que, a despeito das mágicas ilusionistas do espelho, não se permite capturar por inteiro.

Por isso mesmo, essa exposição representa um contraponto à solidão de Iberê Camargo. Uma espécie de reparação, de cura e de cuidado por meio do pertencimento, da coletividade e das artes.

Lilia K. Moritz Schwarcz é historiadora, antropóloga, curadora, professora e sênior do Departamento de Antropologia da USP e Global scholar/visiting professor da Universidade de Princeton (desde 2009). É autora de mais de 30 livros e catálogos de arte, tendo recebido nove prêmios Jabuti. Foi curadora para histórias do MASP (2015-2023), e curou mais de 30 exposições. Foi Professora Visitante nas universidades de Oxford, Leiden, École des Hautes Études, Brown, Freie Universität e foi Tinker Professor na Columbia University. É professora emérita da Universidade de Buenos Aires e membra da Academia Brasileira de Letras.



A Arte é o Contrário de Solidão, 2026
Tinta spray sobre espelho
160 x 110 x 7 cm



Concha, da série **Objetos Afetivos**, 2024
Escultura em bronze com esmalte sintético branco
30 x 29 x 12 cm
Coleção particular, São Paulo



Chapéu, da série **Objetos Afetivos**, 2024
Escultura em bronze com esmalte sintético branco
30 x 29 x 28 cm



Pílula, da série **Objetos Afetivos**, 2022-2023
Escultura em bronze
32,9 x 51,6 x 38 cm



Cabeça de Santo Antônio, da série **Objetos Afetivos**, 2022-2023
Escultura em bronze
28,6 x 30 x 18,8 cm



Vestido, da série **Objetos Afetivos**, 2022-2023
Escultura em bronze
40 x 46,8 x 44,6 cm



Sem título, da série **Expurgo**, 2019
Tinta spray e tinta acrílica sobre tela
70 x 50 cm



Sem título, da série **Expurgo**, 2019
Tinta spray e tinta acrílica sobre tela
70 x 50 cm



Homenagem à minha mãe,
da série **Expurgo**, 2019
Tinta spray e tinta acrílica sobre tela
70 x 50 cm



Uma estrela, da série **Expurgo**, 2019
Tinta spray e tinta acrílica sobre tela
70 x 50 cm



Sem título, da série **Expurgo**, 2019
Tinta spray e tinta acrílica sobre tela
70 x 50 cm



Sem título, da série **Expurgo**, 2019
Tinta spray e tinta acrílica sobre tela
70 x 50 cm



220520 Finalmente Recebi Flores Paula Lobo



220521 Encontro Emocionante com Tehching Hsieh Paula Lobo

Finalmente Recebi Flores,
da série **Expurgo**, 2022
Tinta acrílica e carvão sobre papel Canson
15 x 15 cm

**Encontro Emocionante com
Tehching Hsieh,** da série **Expurgo**, 2022
Tinta acrílica e carvão sobre papel Canson
15 x 15 cm



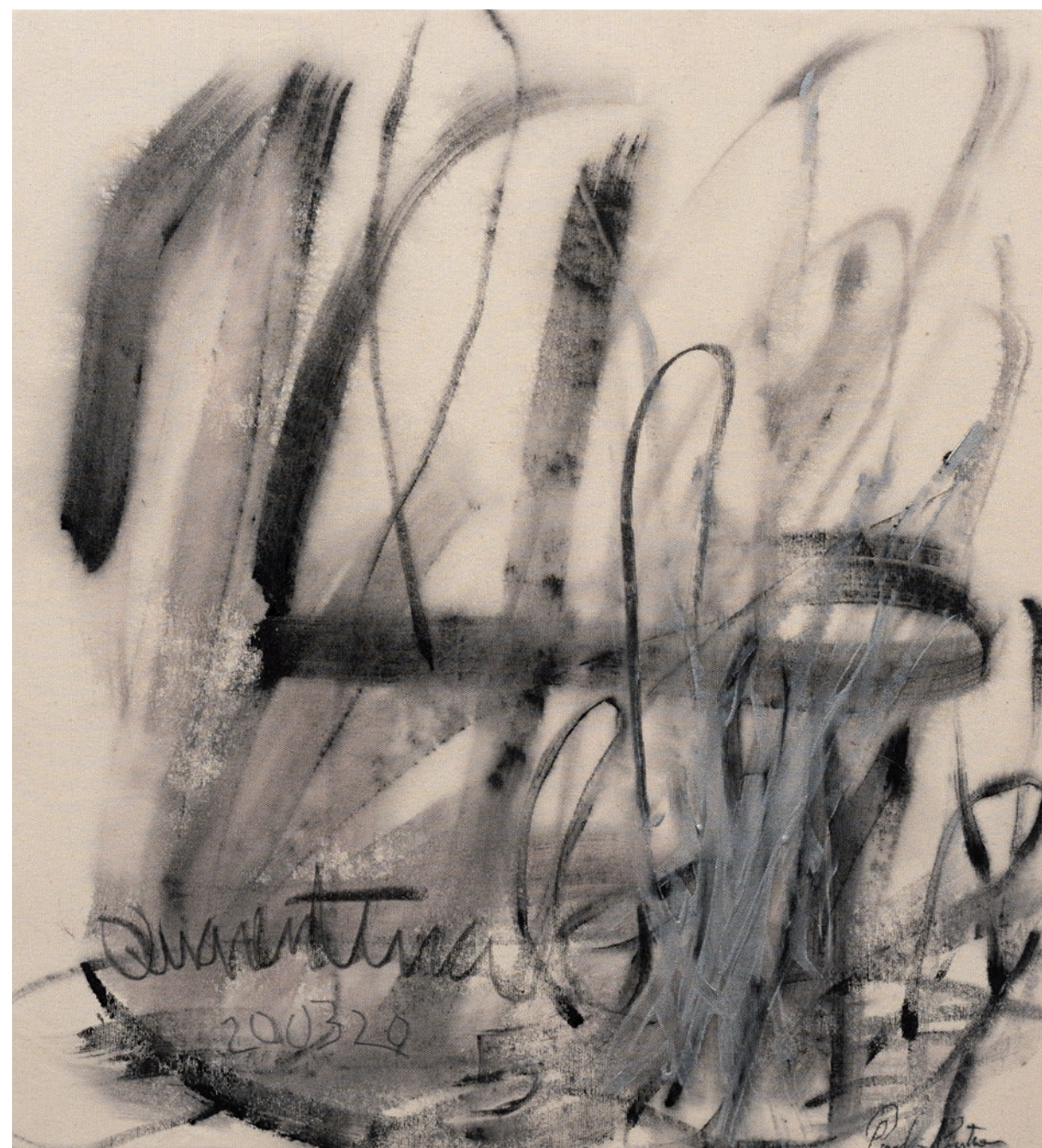
220528 Rejeitada Paula Lobo



220526 Cecília Vicuña Paula Lobo

Rejeitada, da série **Expurgo**, 2022
Tinta acrílica e carvão sobre papel Canson
15 x 15 cm

Cecília Vicuña, da série **Expurgo**, 2022
Tinta acrílica e carvão sobre papel Canson
15 x 15 cm



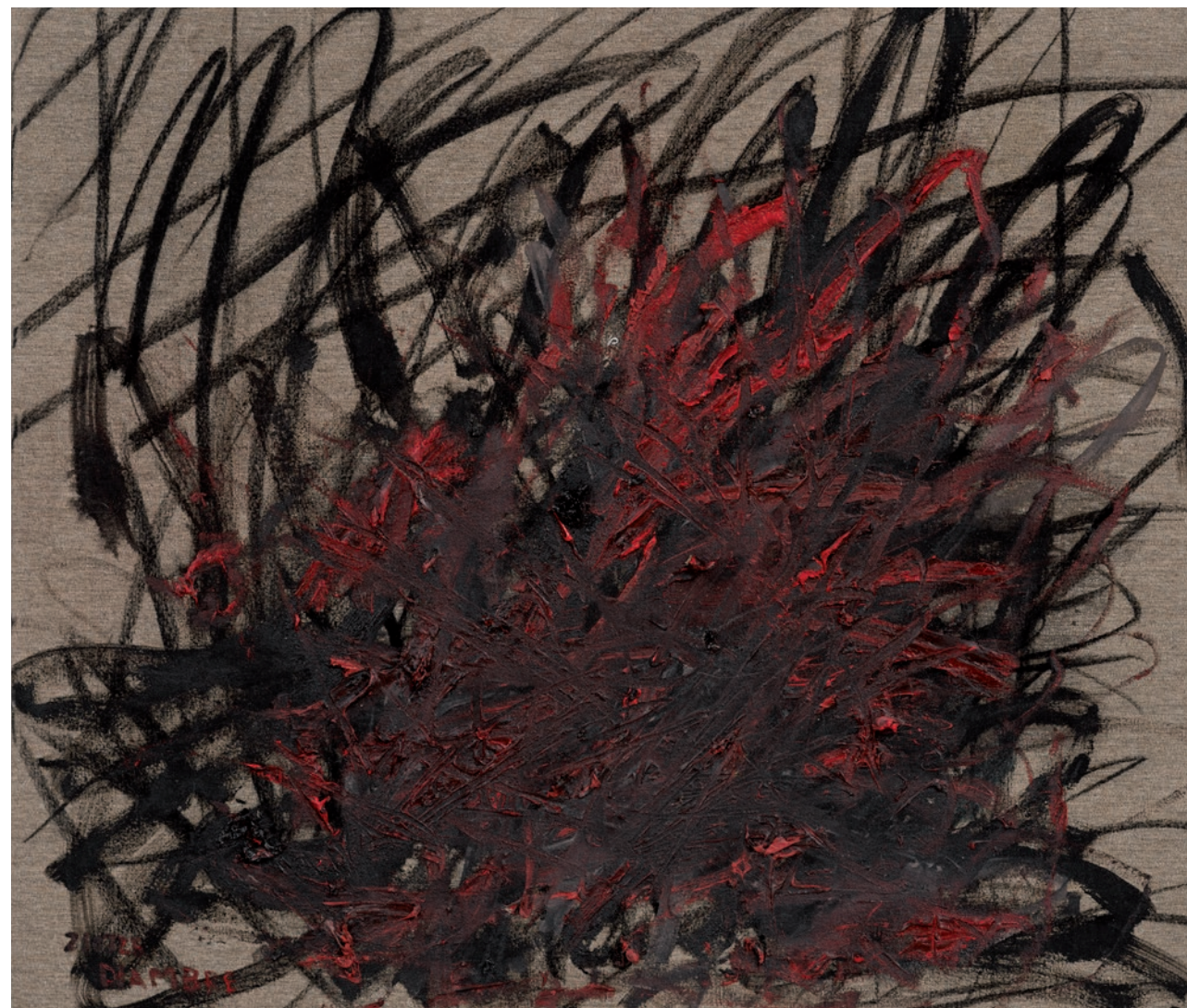
Quarentena 5, da série **Expurgo**, 2020
Tinta acrílica sobre tela
70 x 66 cm



Conversa com Luisa Strina, da série **Expurgo**, 2021
Óleo sobre tela
60 x 60 cm



Sem título, da série **Expurgo**, 2021
Óleo, tinta acrílica e carvão sobre linho
60 x 70 cm



Diame, da série **Expurgo**, 2021
Óleo sobre linho
60 x 70 cm



Rayssa Leal, da série **Expurgo**, 2021
Óleo, tinta acrílica e carvão sobre linho
60 x 70 cm



Pablo León, da série **Expurgo**, 2021
Óleo sobre linho
60 x 70 cm



Frestas, da série **Expurgo**, 2021
Óleo e carvão sobre linho
60 x 60 cm



Jornada com Marina, da série **Expurgo**, 2021
Óleo e carvão sobre linho
60 x 60 cm



Dia da Mulher, da série **Expurgo**, 2022
Óleo e carvão sobre linho
60 x 60 cm



Hackeando o Museu, da série **Expurgo**, 2022
Óleo sobre tela
60 x 60 cm



Pfizer, da série **Expurgo**, 2021
Óleo sobre linho
30 x 30 cm

Não Binária, da série **Expurgo**, 2021
Óleo e carvão sobre linho
30 x 30 cm

Afeganistão, da série **Expurgo**, 2021
Óleo e carvão sobre linho
50 x 45 cm



Rave, da série **Expurgo**, 2023
Óleo sobre tela
60 x 70 cm



Adriana Varejão, da série **Expurgo**, 2023
Óleo sobre tela
60 x 60 cm



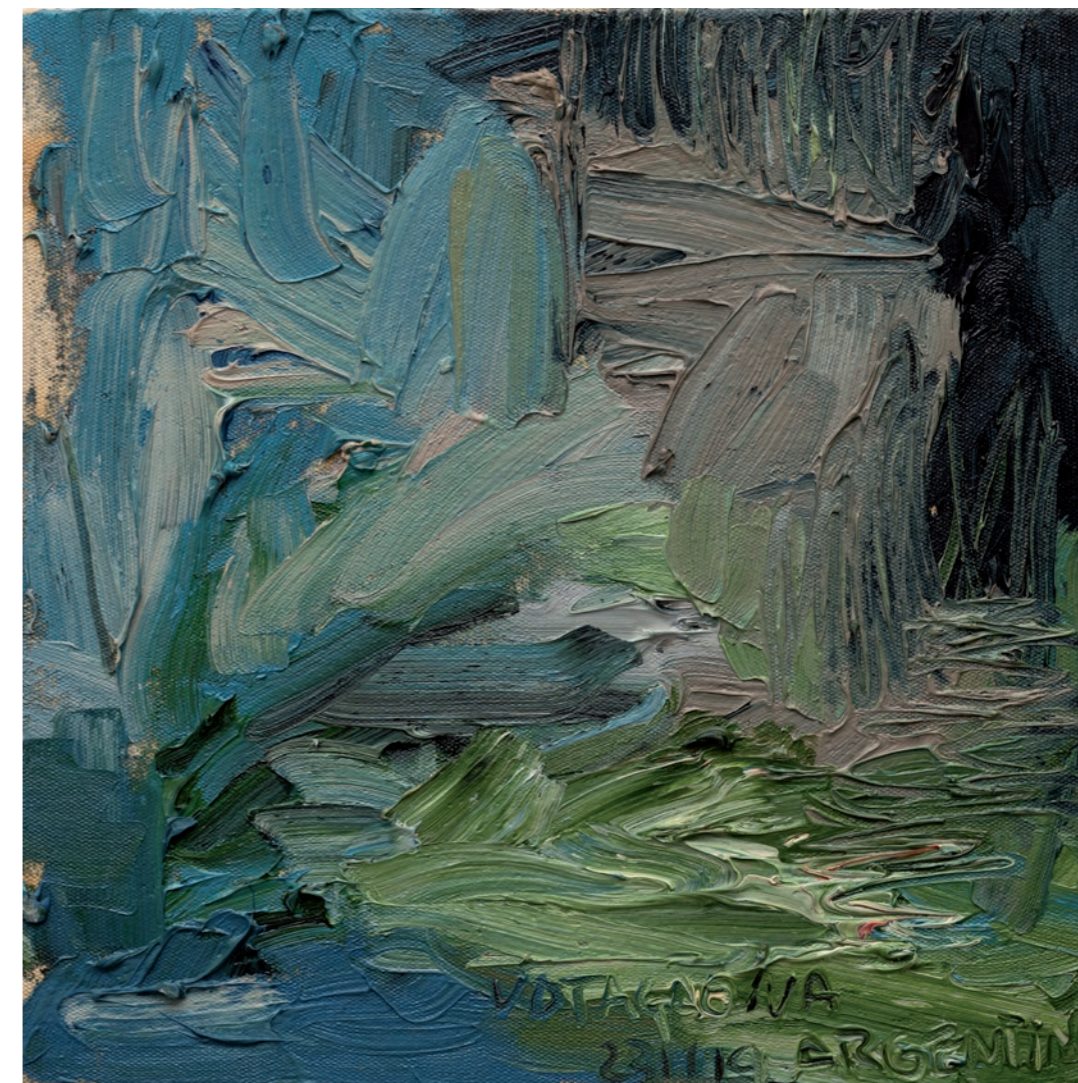
Mãe de negro morto pela polícia pede protestos pacíficos, da série **Expurgo**, 2023
Óleo e carvão sobre tela
60 x 60 cm



Dia com Raquel, da série **Expurgo**, 2023
Óleo sobre linho
60 x 60 cm



Temperatura de Agora, da série **Expurgo**, 2025
Óleo sobre linho
50 x 50 cm



Votação na Argentina, da série **Expurgo**, 2023
Óleo sobre tela
30 x 30 cm



Visita à Fundação Iberê, da série **Expurgo**, 2025
Tinta spray e óleo sobre linho
50 x 50 cm



Thays Peixoto, da série **Mulheres de Porto Alegre**, 2026
Pastel oleoso sobre papel Mi-Teintes
65 x 50 cm



Artemis Pereira + Mulheres de Porto Alegre + Fundação Iberê Camargo + 2022/19 + Paula Castro

Artemis Pereira, da série **Mulheres de Porto Alegre**, 2026
Pastel oleoso sobre papel Mi-Teintes
65 x 50 cm



Rita Santos + Mulheres de Porto Alegre + Fundação Iberê Camargo + 2022/15 + Paula Castro

Rita Santos, da série **Mulheres de Porto Alegre**, 2026
Pastel oleoso sobre papel Mi-Teintes
65 x 50 cm



Pamela Vianna, da série **Mulheres de Porto Alegre**, 2026
Pastel oleoso sobre papel Mi-Teintes
65 x 50 cm



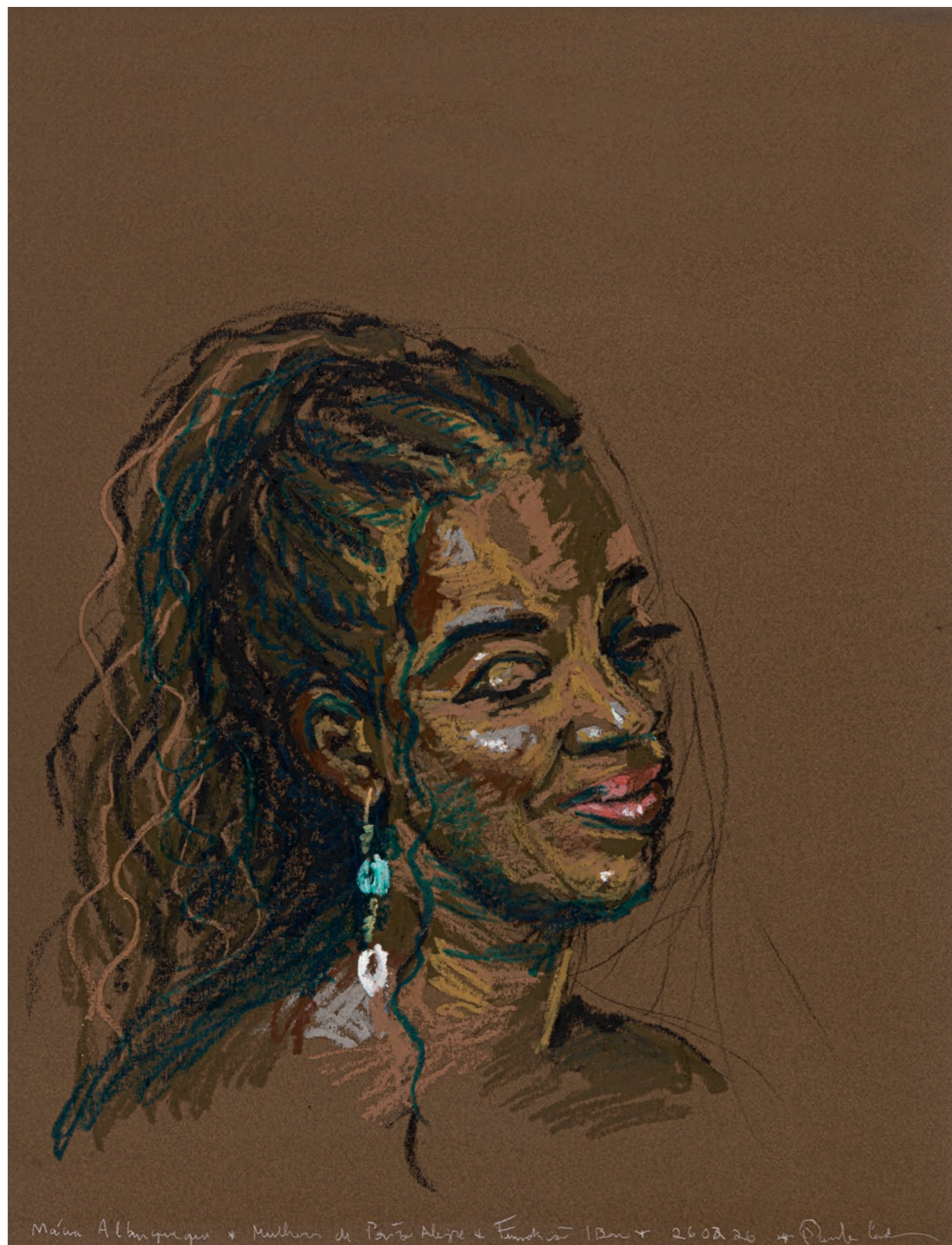
Leciane Ferreira, da série **Mulheres de Porto Alegre**, 2026
Pastel oleoso sobre papel Mi-Teintes
65 x 50 cm



Tia Crazy, da série **Mulheres de Porto Alegre**, 2026
Pastel oleoso sobre papel Mi-Teintes
65 x 50 cm



Helena Lunardi, da série **Mulheres de Porto Alegre**, 2026
Pastel oleoso sobre papel Mi-Teintes
65 x 50 cm



Marcia Albuquerque, da série **Mulheres de Porto Alegre**, 2026
Pastel oleoso sobre papel Mi-Teintes
65 x 50 cm



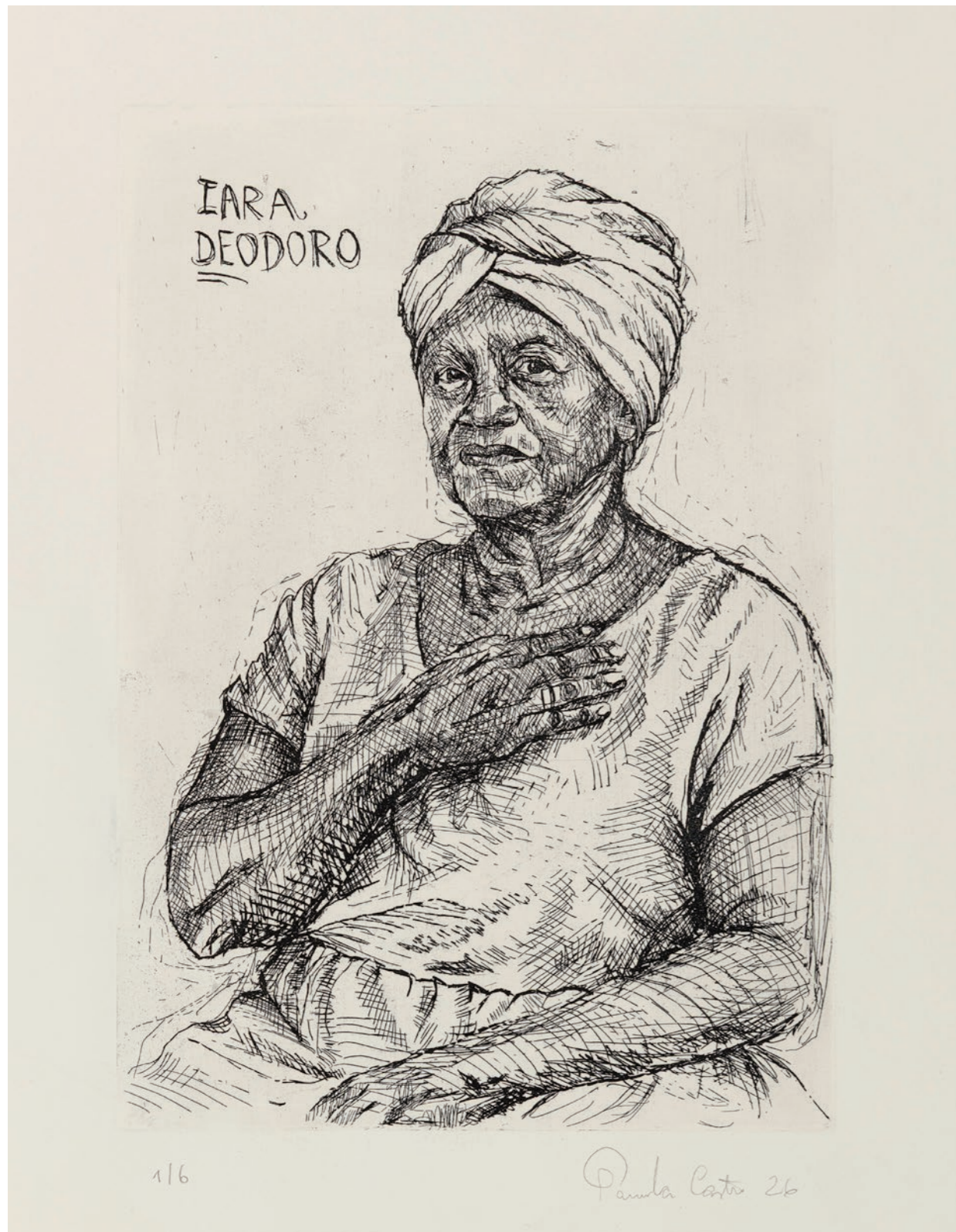
Alessandra Francisco, da série **Mulheres de Porto Alegre**, 2026
Pastel oleoso sobre papel Mi-Teintes
65 x 50 cm



Nega Lu, da série **Mulheres Históricas**, 2026
Água-forte
42 x 30 cm
Coleção Ateliê de Gravura, Fundação Iberê



Nega Diaba, da série **Mulheres Históricas**, 2026
Água-forte
42 x 30 cm
Coleção Ateliê de Gravura, Fundação Iberê



Iara Deodoro, da série **Mulheres Históricas**, 2026
Água-forte
42 x 30 cm
Coleção Ateliê de Gravura, Fundação Iberê



Magliani, da série **Mulheres Históricas**, 2026
Água-forte
42 x 30 cm
Coleção Ateliê de Gravura, Fundação Iberê



A Noiva, 2019
Video-performance
2 min 19 s



Medo, 2019
Videoarte
1 min 8 s

Sonho, 2019
Videoarte
2 min 51 s



Iberê Camargo, da série **Artistas no Ateliê**, 2025
Óleo sobre tela (díptico)
200 x 400 cm



PANMELA CASTRO

Nasceu no Rio de Janeiro em 1981. Vive e trabalha entre São Paulo e sua cidade natal. Desenvolve uma prática orientada por relações de afeto e alteridade, tendo a necessidade de pertencimento como eixo central de pesquisa. A partir do conceito de *deriva afetiva*, estrutura proposições relacionais que se iniciam na performance e se desdobram em pintura, escultura, instalação, vídeo e fotografia, entendidos como extensões e registros ativos dos encontros que sustentam sua obra.

É bacharel em Pintura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Processos Artísticos Contemporâneos pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pós-graduada em Direitos Humanos, Responsabilidade e Cidadania Global pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Seu trabalho integra importantes coleções internacionais, como o Stedelijk Museum, Amsterdã (Holanda), e o Institute of Contemporary Art Miami (EUA), além de coleções brasileiras, como Instituto Inhotim, Museu de Arte de São Paulo (MASP), Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), Museu de Arte do Rio (MAR), Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), entre outras.

Entre as exposições recentes, destacam-se: *Protagonismos no acervo do Museu Nacional de Belas Artes* (Rio de Janeiro, 2025); *Bienal das Amazônias* (Belém, 2024); *Terra Abre Caminhos* (Sesc Pompeia) e *Arte na Moda: MASP Renner* (São Paulo, 2024); *Funk* (Museu de Arte do Rio, 2023-2025); *Histórias Brasileiras* (MASP, 2022); 13ª Bienal do Mercosul (Porto Alegre, 2023); *Quilombo: Vida, Problemas e Aspirações do Negro* (Inhotim, 2022-2023), entre outras.

Entre as exposições individuais, realizou *Retratos Relatos*, em Paris, como parte da programação oficial do Ano do Brasil na França (2025), além de circulação nacional pelo Sesc; *Do Jardim, um Oceano* (Galeria Francisco Fino, Lisboa, 2024); *Ideias Radicais Sobre o Amor* (Museu de Arte do Rio, 2024) e *Ostentar é Estar Viva* (Galeria Luisa Strina, São Paulo, 2021).

Participou de residências artísticas no Goethe-Institut, El Espacio 23 e Black Rock Senegal, com desdobramentos expositivos em Dakar e no Rio de Janeiro.

Panmela Castro também atua no campo dos direitos humanos. É fundadora da Rede NAMI, organização dedicada à promoção dos direitos das mulheres e ao enfrentamento da violência de gênero, com amplo alcance público no Brasil. Por sua atuação, recebeu reconhecimentos como *Young Global Leader* do Fórum Econômico Mundial, o DVF Awards e menção na lista *150 Women Who Are Shaking the World*, da revista *Newsweek*.

PANMELA CASTRO

A CRÔNICA DA NÃO-SOLIDÃO

EXPOSIÇÃO

Design gráfico
Adriana Tazima

Montagem
Concreção

Transporte
Atlantis

Seguro
Howden Brasil

Produção e Realização
Fundação Iberê

ATELIÊ PANMELA CASTRO

Direção
Artha Baptista

Parceria
Rede NAMI

CATÁLOGO

Coordenação editorial
Gustavo Possamai

Texto
Lilia K. Moritz Schwarcz

Revisão de texto
Beatriz Caillaux

Projeto gráfico
Pomo Estúdio

Fotografias
Anderson Astor, p. 4, 11, 41-51
Cortesia Panmela Castro, p. 52-53
Edouard Fraipont, p. 14-15, 25 (esquerda), 26 (esquerda), 32-33
José Kalil, p. 56
Julia Thompson, p. 2, 12-13, 16-24, 25 (direita), 26 (direita), 28-31, 34-40, 54-55, capa e contracapa

Impressão
Ideograf

Edição 2026
© Fundação Iberê

Página 56: Panmela Castro junto à pintura *Solidão*, de Iberê Camargo. Porto Alegre, janeiro de 2026.

As obras reproduzidas neste catálogo são cortesia da artista e da Galeria Luisa Strina, exceto quando creditado na respectiva legenda.

Fundação Iberê

CONSELHEIROS

Jorge Gerdau Johannpeter
Presidente
Arthur Bender Filho
Arthur Hertz
Beatriz Bier Johannpeter
Celso Kiperman
Dulce Goettems
Fernando Luís Schüller
Hermes Gazzola
Isaac Alster
Joseph Thomas Elbling
Júlio Cesar Goulart Lanes
Lia Dulce Lunardi Raffainer
Livia Bortoncello
Nelson Pacheco Sirotsky
Renato Malcon
Rodrigo Vontobel
Sérgio D'Agostin
William Ling

Conselho Fiscal

Carlos Cesar Pilla
Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna
Gilberto Schwartzmann
Heron Charneski
Ricardo Russowsky
Volmir Luiz Gilioli

Diretores

Justo Werlang
Diretor-Presidente
Ingrid de Kroes
Vice-Presidente
Rodrigo Azevedo
Vice-Presidente
Anna Paula Vasconcellos Ribeiro
Cesar Paz
Fabio Chemello
José Luiz de Mello Canal
Marcelo Bezerra de Mello Marinho
Mathias Kisslinger Rodrigues
Pedro Dominguez Chagas

EQUIPE

Diretor-Superintendente
Emilio Kalil

Secretaria Executiva
Nara Rocha

Comunicação e Imprensa
Roberta Amaral

Design e Plataformas Digitais
José Kalil

Administrativo/Financeiro
Luciane Zwetsch
Guilherme Collovini

Programa Educativo
Lêda Fonseca, consultoria pedagógica
Ilana Machado, coordenação
Juliana Corrêa, assistente de coordenação
Brenda Leie
Eduarda Cartagena
Laura Fadin Kochhann
Leonardo Hoppe Zillmann
Leonardo Miguel Ramos
Luísa Vieirao
Yasmin Lima, mediação

Acervo/Ateliê de Gravura
Eduardo Haesbaert
Gustavo Possamai
Jonathas Rosa dos Anjos

Consultoria Jurídica
Silveiro Advogados

Gestão do Site e TI
Machado TI

Produção
Patrick Arozi

Conservação e Manutenção
Lucas Bernardes Volpatto
Arnaldo Henrique Michel
Alisson Folletto

Receptivo
Iury Fontes dos Passos
Laura Palma

Panmela Castro: a crônica da não-solidão / texto de Lília K. Moritz Schwarcz. – Porto Alegre : Fundação Iberê Camargo, 2026.

60 p. : il. col.

Catálogo da exposição realizada na Fundação Iberê de 14 de março a 06 de setembro de 2026. Inclui biografia da artista.

ISBN 978-65-84403-00-0

1. Panmela Castro, 1981- – Exposições.
2. Mulheres negras na arte. 3. Arte e direitos humanos. 4. Arte contemporânea – Brasil.
5. Catálogos de exposição. I. Fundação Iberê Camargo. II. Lília K. Moritz Schwarcz. III. Título.

CDD 709.81

Ficha Catalográfica elaborada por Joana Bischoff Alencastro CRB 10/1677



A FUNDAÇÃO IBERÊ REALIZA SEUS PROJETOS ATRAVÉS DE LEIS DE INCENTIVO À CULTURA AGRADECEMOS O IMPORTANTE PATROCÍNIO E APOIO DAS EMPRESAS PARCEIRAS E MANTENEDORES

PATROCINADORES



GRUPO **GPS**

Grupo Savar



PROGRAMA EDUCATIVO



APOIO/PARCEIRIAS

Perto



Manhattan



COASA



PATROCÍNIO LEI ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA
PROGRAMA EDUCATIVO



Fundação **Iberê**

MINISTÉRIO DA CULTURA



MANTENEDORES DA FUNDAÇÃO IBERÊ | 2026

BENEMÉRITO: JORGE GERDAU JOHANNPETER

CONSELHEIROS MANTENEDORES: ARTHUR HERTZ | BEATRIZ BIER JOHANNPETER | CELSO KIPERMAN
DULCE GOETTEMES | HERMES GAZZOLA | ISAAC ALSTER | JOSEPH THOMAS ELBLING
JÚLIO CESAR GOULART LANES | LIVIA BORTONCELLO | NELSON SIROTSKY | RENATO MALCON
RODRIGO VONTOBEL | SERGIO D'AGOSTIN | WAGNER LUCIANO DOS SANTOS MACHADO | WILLIAM LING

MANTENEDORES OURO: ANA LOGEMANN | ANNA PAULA VASCONCELLOS RIBEIRO | IRINEU BOFF
JUSTO WERLANG | PATRICK LUCCHESI | SILVANA ZANON





Fundação **Iberê**

Av. Padre Cacique, 2000
+55 (51) 3247-8000
Porto Alegre/RS

www.iberecamargo.org.br

ISBN 978-65-84403-00-0

